

Paisagens em extensão

Uma escuta psicanalítica de mães em uma UBS a partir da fotolinguagem

Samanta Basso,¹ Natal
Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos,² Fortaleza
Karla Patricia Holanda Martins,³ Fortaleza

Resumo: As autoras apresentam um dispositivo grupal desenvolvido com mulheres, inspirado no método da fotolinguagem e sustentado pela escuta clínica, ancorada na psicanálise, em suas extensões e em sua dimensão ético-política. A experiência foi realizada em uma Unidade Básica de Saúde com mães de crianças em grave sofrimento psíquico. As autoras discutem o dispositivo a partir de dois eixos que emergiram da escuta: o olhar, entendido como gesto de apropriação e deslocamento simbólico; e as formas de habitar a paisagem, compreendidas como expressões de processos subjetivos em cena. Apresentam ainda recortes das falas de duas participantes. Nessa direção, a mediação da imagem-paisagem revelou-se um recurso clínico fecundo no trabalho com mulheres marcadas por violências simbólicas e processos de desautorização subjetiva. As imagens escolhidas tornaram-se suporte para a construção de um espaço estendido do eu, sustentado pela articulação entre a dimensão coletiva e a singularizante.

Palavras-chave: fotolinguagem, psicanálise, paisagem, grupo de mulheres, dispositivo clínico

- 1 Psicanalista. Doutoranda em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Université Côte d'Azur. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (Capes/PDSE).
- 2 Psicanalista. Doutoranda em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
- 3 Psicanalista. Doutora em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

Introdução

O presente artigo apresenta um dispositivo grupal realizado com mulheres, inspirado no método da fotolinguagem e sustentado pela escuta psicanalítica. A intervenção foi realizada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) com mães de crianças em sofrimento psíquico e/ou que estão sendo avaliadas para o diagnóstico de autismo ou para outras formas de impasse na constituição psíquica. O dispositivo surgiu no âmbito do trabalho psicanalítico de uma proposta clínica⁴ que tem por eixo a psicanálise e sua dimensão ético-política.

A intervenção teve como ponto de partida um trabalho com imagens em preto e branco de paisagens cearenses. As sessões aconteceram ao longo de quatro meses, com encontros com duração de duas horas, e foram conduzidas por duas psicanalistas, doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Os encontros se desdobraram em dois momentos principais: o primeiro, dedicado à associação livre em grupo; o segundo, à escolha e narração de imagens pelas participantes, com inspiração no método da fotolinguagem (Baptiste & Bélisle, 1991; Baptiste et al., 1991), que será discutido na primeira parte do artigo.

Nosso interesse, neste texto, é apresentar brevemente o dispositivo inspirado no método da fotolinguagem e discutir dois eixos que emergiram ao longo da intervenção, os quais dizem respeito a recortes específicos das falas de duas participantes: o primeiro refere-se ao olhar, entendido como gesto de apropriação e deslocamento simbólico; o segundo, às formas de habitar a paisagem, compreendidas como expressões de processos subjetivos em cena.

A aposta na mediação da imagem-paisagem constituiu um dispositivo para o trabalho com as mulheres do grupo, marcadas por violências simbólicas e processos de desautorização subjetiva. Acreditamos que o enquadre e a intervenção participaram da maneira como a narração foi endereçada, não apenas às mediadoras, mas à escuta das outras mulheres integrantes do grupo. Sendo as imagens escolhidas e narradas pelas participantes, tornam-se assim um espaço estendido do eu. Por fim, consideramos que foram trabalhadas experiências subjetivas e introduzidas frestas e suturas, ambiguidades onde havia certeza, bem como ancoragens e pórticos que favoreceram a recriação da palavra.

4 A iniciativa faz parte do programa de extensão Clínica, Estética e Política do Cuidado (CEPC), da Universidade Federal do Ceará, e pertence a uma rede que vem sendo tecida há 10 anos, articulando ações entre universidade, clínica psicanalítica e território.

Psicanálise em extensões

Os encontros do grupo constituíram um trabalho de extensão em diferentes sentidos, tanto no que se refere à ação propriamente dita – já que partimos de um programa de extensão, o Clínica, Estética e Política do Cuidado (CEPC) – quanto no que diz respeito à proposta de articular a psicanálise em extensão, termo introduzido por Jacques Lacan (1967/2003), mas que remete a uma atividade que permeia a psicanálise desde sua criação. A psicanálise convive com desafios que se colocam à sua práxis – desafios que se renovam continuamente a partir dos impasses próprios de cada época –, exigindo simultaneamente deslocamentos e reinvenções tanto na construção teórica quanto no exercício clínico, como se vê nos escritos de Freud (1919[1918]/1996a) e como é sublinhado e debatido por Danto (2019). Essa pesquisa e intervenção insere-se na consideração de que o território convoca os analistas a repensar constantemente suas teorias e práticas.

A partir do final dos anos 1980 e ao longo da década de 1990, a inserção de psicanalistas nos diversos dispositivos clínicos públicos no Brasil passou a se consolidar em decorrência de alguns marcos significativos. Destacamos, entre eles, dois acontecimentos fundamentais: a criação do Sistema Único de Saúde (sus) e os desdobramentos da reforma psiquiátrica, com suas políticas públicas voltadas à atenção psicossocial, além da expansão e interiorização dos programas de pós-graduação em psicologia, alguns dos quais com linhas de pesquisa dedicadas à psicanálise. Desde então, nesses contextos, a psicanálise passou a ocupar lugar principalmente no trabalho clínico ambulatorial e nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), que se tornaram também espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas (Quadros et al., 2018).

A indicação de um espaço de escuta para as mulheres que compuseram o grupo foi feita pelas equipes do CEPC que atendiam os filhos delas e que receberam essa demanda do setor de puericultura da UBS. A oferta de um dispositivo de escuta para mães se justificou pela concepção, defendida em trabalhos anteriores do CEPC (Farias et al., 2023), de que a narrativa e a partilha de experiências acerca do sofrimento das crianças, da relação entre cuidadores e seus filhos e de seu próprio sofrimento enquanto cuidadoras poderiam abrir caminho para a construção de novos sentidos, congelados pela perspectiva de uma diagnóstica psiquiátrica.

A construção espacial do dispositivo: aspectos metapsicológicos e metodológicos

Entendemos que ampliar os espaços de escuta para mulheres que vivem, simultaneamente, impasses na constituição subjetiva de seus filhos e contextos marcados pela desautorização subjetiva (Gondar, 2012; Martins et al., 2020) constitui uma dimensão ético-política da psicanálise. Essas mulheres frequentemente enfrentam realidades marcadas pela pobreza, pela violência intrafamiliar e pelo desamparo social – um desamparo que, não raro, é acompanhado por um desamparo discursivo, como aponta Rosa (2016).

A escolha por um dispositivo grupal se sustentou na aposta na potencialidade que um grupo tem de favorecer a elaboração coletiva, configurando um espaço para a apropriação subjetiva (Roussillon, 2013), simbólica (De Luccia, 2018), e como vetor das singularidades (Oury, 2009). Simultaneamente, como propõem Sato et al. (2017), trata-se de uma importante estratégia política de resistência à lógica de individualização e à cultura de homogeneização características do contexto social atual, na contramão de discursos hegemônicos e práticas normalizantes, individualistas, patologizantes.

Do ponto de vista de uma metapsicologia da clínica, a escolha por esse dispositivo acompanha as ideias de Didier Anzieu, para quem o grupo, entre outras perspectivas, pode ser considerado uma espécie de invólucro ao “fantasma da quebra” (1990, p. 111) – diremos aqui, à fragmentação traumática. A utilização de um dispositivo grupal foi também uma aposta na capacidade de elaboração coletiva, considerando o coletivo não apenas como mobilizador de processos de identificação, mas também, e principalmente, como sustentação de uma singularidade.

Quanto ao método, nos aproximamos agora da fotolinguagem, proposta grupal com perspectiva terapêutica ou formativa desenvolvida por Claire Bélisle e Alain Baptiste em Lyon, na França, em 1965 (Baptiste & Bélisle, 1991; Baptiste et al., 1991), para o cuidado clínico em saúde mental (Vacheret, 2008). Em linhas gerais, o método da fotolinguagem utiliza fotografias para dar suporte à fala, favorecendo a possibilidade de construção de uma narrativa apoiada em uma imagem.

De acordo com Vacheret (2008), citando Freud (1923/2011a), uma imagem sensorial seria o modo de pensamento que mais se aproxima dos processos inconscientes, o que justifica a utilização da fotografia nesse método, apostando que esta, ao atingir o status de imagem, faz com que os afetos ligados a ela cedam a outra dimensão, participando dos processos de subjetivação. Ainda segundo a autora, uma fotografia utilizada como objeto mediador se

torna uma imagem própria, que mobiliza imagens anteriores associadas e religadas pelo afeto que as sustenta.

Construímos uma adaptação para o método e, na tentativa de aproximarmos fotos e imagens oníricas, escolhemos trabalhar com fotografias de paisagens em preto e branco, em vez de utilizarmos as fotografias do dossiê produzido pelos criadores do método. E por que paisagens? Optamos por esse tipo de imagem inspiradas em trabalhos que relacionam psicanálise, paisagem e constituição do eu (Bidaud, 2019; Martins, 2014; Martins et al., 2022; Thibierge, 2022).

Conforme propõe Didi-Huberman (2010) apoiado em leituras psicanalíticas, há uma opacidade na imagem, de modo que nossa atenção flutuante pôde voltar-se à forma como cada foto convocava as participantes. Paradoxalmente, ao considerarmos as imagens de paisagens, há uma espécie de captura subjetiva que as paisagens e suas miradas exercem, eclipsam e testemunham em relação ao sujeito (Thibierge, 2022).

A proposição do uso das paisagens apoia-se também na literalidade de sua etimologia na língua inglesa, *landscape*, uma transmutação da palavra *land schaffen*, que significa criar a terra, produzir a terra. O geógrafo e orientalista Augustin Berque sugere que se pense a paisagem como marca, “uma geo-grafia” (1998, p. 82), ou seja, uma grafia da terra, ou ainda uma grafia da origem. Milton Santos (2012), geógrafo brasileiro, propõe pensar a paisagem como uma espécie de espaço sensível, formado pelos volumes, mas também por elementos sensíveis, cores, odores, sons e movimentos.

Pode-se ainda afirmar que, ao associar memória e percepção, as paisagens enquadram uma realidade psíquica e afetiva. Nessa direção, o psicanalista Éric Bidaud (2019) acompanha a analogia feita por Freud entre a cena do inconsciente e o deslocar de uma paisagem na janela de um trem: descrevê-la é uma maneira de espacializar o inconsciente.

A paisagem é um conjunto de formas que exprimem heranças que representam relações localizadas entre o homem e a natureza. A conquista do espaço subjetivado pode ser tomada como uma espécie de aquisição simbólica. Para haver espaço, diz Milton Santos (2012), é preciso haver sociedade, haver relações com os objetos do mundo. Desse modo, o espaço é paisagem, apresentando uma composição formal cinestésica e um sistema de valores. Podemos sempre nos perguntar: como a paisagem fala aos sentidos do sujeito? Como ela compõe, expressa e inquieta a relação que estabelecemos com os nossos semelhantes diferentes e com as coisas?

Ao indicar que o sintoma tem uma paisagem, Bidaud (2019), a partir da ideia de que o aparelho psíquico inconsciente é vasto, sem limites, propõe que narrar é bordeá-lo, como falar através da janela de um trem em movimento, enquanto nos movimentamos por uma paisagem. As formas de subjetivação

da dor, do gozo, do sofrimento são formalizadas, constituem uma paisagem – como dissemos antes, grafam uma origem.

Nesse sentido, é digno de nota que estavam sobrepostos os enquadramentos dos fotógrafos que tiraram as fotos que selecionamos, o nosso enquadramento de escolha das imagens e, o mais interessante para a nossa discussão, o enquadramento que as mulheres faziam na apresentação das suas escolhas. Não estamos no campo da plena opacidade da imagem quando consideramos, juntamente com Thibierge (2022), que uma paisagem é sempre enquadrada, sejam os limites do enquadramento claros (uma pintura, um postal, uma lente) ou mais abertos (o horizonte do observador).

Para Vinot (2025), o espaço é produzido. Nas palavras do psicanalista, trata-se de

um ato que inclui escolhas, triagens, rearranjos, recomposições, reconstruções e perdas obrigatórias. Eis por que o espaço é uma produção – e não uma condição – da estrutura. Isso certamente é um ponto delicado de aceitar e de balizar, pois implica deixar de lado a ideia de um espaço único, de uma mesma realidade. (pp. 20-21)

Thibierge (2022), de modo semelhante, situa aquilo que se decifra na paisagem, o que inclui a produção perceptiva, já que a paisagem não mostra apenas elementos reconhecíveis, mas também elementos decifráveis.

Por fim, consideramos que nossa proposta, diferentemente do propósito que fundamentou a criação da fotolinguagem por Baptiste e Bélisle (1991), não considerou a priori que as participantes do grupo tivessem dificuldades para falar sobre os seus sofrimentos. O uso das fotografias de paisagem como objeto mediador teve o intuito de trabalhar a potencialidade da espacialidade das paisagens, conforme discutido neste tópico.

Paisagens: o dispositivo em movimento

Dadas as coordenadas iniciais do contexto e do método utilizado, buscaremos neste tópico, em similaridade ao formato do dispositivo, partir das imagens escolhidas por duas mulheres que integravam o grupo, e na sequência apresentar algumas vinhetas e discussões.

O critério de seleção das participantes baseou-se na indicação das equipes do CEPC que atendiam crianças cujas mães haviam sido encaminhadas pelo setor de puericultura da UBS, em razão da manifestação de algum sofrimento psíquico. Estabelecemos o número de seis a oito vagas e entramos em

contato com as mulheres por telefone. A partir da manifestação do interesse das mulheres em participar, o grupo foi composto por seis integrantes.

O formato dos encontros organizava-se em três tempos: no primeiro momento, as participantes falavam de forma livre e flutuante; no segundo momento, fazia-se um intervalo, momento em que eram expostas as fotografias para que as integrantes escolhessem; no terceiro momento, cada uma falava sobre a(s) foto(s) escolhida(s). A exposição das fotografias e a proposta de que olhassem para as imagens, escolhessem uma e a descrevessem provocaram, de início, um misto de inibição e estranhamento. Pouco a pouco, porém, as descrições das imagens evocavam sua infância, as casas e territórios onde viveram, os espaços naturais em que pareciam reconhecer algo essencial delas mesmas. Compareciam, junto à imagem, o afeto, o reconhecimento e a (in)familiaridade (Freud, 1919/2019a).



Luciana Rodrigues, série

Sem corda, os relógios marcavam sempre as mesmas horas, 2022.

Essas imagens, partidas ao meio, foram escolhidas por Lucíola. Diante da indicação de escolher uma foto, ela perguntou se poderia escolher duas. Observamos que ambas as fotografias escolhidas por ela são compostas por duas imagens separadas por uma linha vertical no centro da fotografia, as únicas fotografias com essa característica da coletânea de fotos que estavam dispostas sobre a mesa.

Lucíola tem duas filhas e se referiu à maternidade como “um divisor de águas” em sua vida. Essa metáfora usada por ela foi justificada por duas situações marcantes, que produziram nela essa descrição e sensação. A primeira foi o diagnóstico de autismo da filha. “Nasce um autista, nasce uma mãe de autista”, nas palavras dela. A outra situação aconteceu quando a filha mais velha lhe contou que sofreu abuso sexual na infância.

Duas filhas,
dois diagnósticos,
duas mediadoras no grupo,
duas imagens –
atenção dividida.

Sobre as fotografias, ela disse haver semelhança entre as duas: “São quase iguais, muda pouca coisa”. Quando nos aproximamos das fotografias, não vimos entre as imagens a mesma semelhança que Lucíola encontrou e nos chamou à atenção a busca de unificação entre as imagens.

A duplicidade que capturou o olhar de Lucíola pareceu anunciar as ambivalências e ambiguidades que transitam entre o “divisor de águas” a que ela se referiu. Imagem e afeto estariam indissolivelmente ligados, como sugere Vacheret (2008). O interessante dessa cena percebida por nós é que houve uma captura do olhar de Lucíola. “Quando uma foto nos fala, nos toma, nos escolhe, é que ela se tornou imagem” (p. 186), diz a mesma autora. A imagem implica uma espécie de contiguidade com os processos inconscientes, como propôs Freud (1923/2011c). Assim, para além de um simples espelhamento que favorece a função integrativa do imaginário, uma fotografia, ao assumir status de imagem, pode mobilizar imagens interiores, metaforizar situações, evocar lembranças ou apenas evocar uma ambiência afetiva (Vacheret, 2008). A partir de Freud, podemos pensar que há um espaço psíquico mediado pela figurabilidade (*Darstellung*), que abarca os traços mnêmicos e a seleção e transformação a que estão submetidos os pensamentos do sonho, mais próximos do inconsciente. A metáfora “divisor de águas” formulada por Lucíola parece se projetar na imagem, denotando a própria divisão de quem vê e é visto. “Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha”, escreveu Didi-Huberman (2010, p. 29).

Além disso, Lucíola disse ter percebido um tipo de moldura nas fotos, “um enquadramento das imagens”, na descrição dela. Thibierge (2022) assinala

que uma paisagem pode prestar-se à distração, ao devaneio e até mesmo a um tipo de fascínio em que o sujeito, como que a despeito de si mesmo, começa a perder-se e a desaparecer. Para o autor, essa espécie de captura subjetiva que a paisagem exerce está muito ligada à possibilidade de construção da fantasia, ou seja, ao mesmo tempo eclipsa o sujeito tornando-se sua “janela” para a realidade. Ao olhar para uma paisagem, aquele que olha supõe nela um enquadramento, uma moldura que lhe confere uma estrutura formal. De modo aproximativo, podemos ser remetidos à moldura do espelho, que delimita aquilo que o sujeito reconhece nele num momento repentino, iluminativo e jubiloso, a saber, ele mesmo, os outros e os objetos que o cercam.

Essa percepção da moldura, pudemos escutar, referia-se também a contextos mais amplos da vida de Lucíola, marcada por violências simbólicas e concretas oriundas de sua classe social e gênero. O lugar de principal cuidadora das duas filhas poucas vezes aparecia sob tensão frente aos seus próprios desejos, delineando, de forma resignada, sua posição subjetiva. Nesse sentido, lembramos o que escreve Rosa, ao assinalar que, em contextos de vulnerabilidade, as violências sofridas podem promover abalos narcísicos e construir um “sem-lugar no discurso”, que “desarticula seu lugar na história, sua ficção de si mesmo” (2016, p. 60).

Os encontros seguintes nos levaram a perceber que, para Lucíola, começava a se delinear uma espécie de demarcação de espaço subjetivo – como quem traça os contornos de um mapa, ela parecia esboçar o território que passaria a habitar, ou desejava habitar, dentro do grupo.



Sérgio Carvalho, série *Santo sertão*, 2017.

“De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo” (Prado, 1976, p. 11). Se a poeta só viu a pedra antes de criar esse poema, Aurélia, integrante do grupo, não vê a pedra. Após ter nos contado sobre sua infância, com vivências de violências e desproteção, escolhe essa foto, um cenário isolado no alto de pedras. Enfatizou, a partir da semelhança com a casa da avó, elementos que remetem ao amparo e à proteção. Curiosamente, o detalhe, não notado, é o da casa aparecer isolada sobre pedras. Esse detalhe, notado e apontado por nós, fez com que fossem produzidos outros sentidos. Aurélia pareceu condensar uma série de lembranças, para as quais a experiência do grupo até aquele momento havia aberto caminhos. Contou-nos que a casa parecia com a casa de sua avó materna, no interior do Ceará, onde morou durante um período de sua infância e onde se sentia protegida.

A casa, a partir da lembrança da relação com avó, pareceu favorecer uma ancoragem subjetiva. Por outro lado, a não percepção de um detalhe chamou-nos a atenção. Conforme Didi-Huberman (2013), é o detalhe que enuncia de onde se olha. Com isso, o autor ressalta que não se trata da percepção, “mas do pórtico (do lugar) do sujeito” (p. 302).

A imagem, para além de sua função representacional, carrega em si um ponto cego, insondável, que resiste à simbolização e que, como escreve Tania Rivera, “insiste em pôr em risco – em rasgo – a representação” (2013, p. 67). Há, portanto, algo na imagem que escapa, que excede o enquadramento simbólico unívoco e que, justamente por isso, se aproxima do que na psicanálise se reconhece como resto pulsional, marca de desejo ou falha do significante.

Nessa perspectiva, as imagens não são meramente objetos visuais, mas relações instáveis entre o visível e o dizível. Elas articulam, tensionam e expõem os limites entre o que se pode ver e o que se pode dizer. Como lembra Rivera, “a imagem, ao articular o dizível e o visível, delineia também um campo de invisibilidade e inefabilidade que lhe é essencial, e não deixa de através dele se apresentar” (p. 63). É nesse campo – onde a imagem resiste a significar algo de forma unívoca – que há a marca mais viva.

Por isso, no modo como articulamos essa discussão, a imagem não é tomada como signo fixo nem como representação direta do inconsciente, mas como um híbrido instável entre palavra e figura, um regime caótico e fecundo em que algo do sujeito pode emergir: “A psicanálise concebe a imagem como um certo híbrido entre imagens e palavras, em um regime um tanto caótico do qual é possível se inferir certa retórica, ... mas que interdita o estabelecimento de uma simbologia estável, uma iconografia” (p. 72). Nesse regime, a imagem deixa de ser capturada pela lógica da decifração e se torna campo de afetação, de evocação e de furo. Dessa maneira, o detalhe que não foi notado pertence ao olhar e à forma da cena narrada por Aurélia.

Onde quer que se esteja situado, de um ponto de vista ou de outro, algo escapa à visão e à sua busca de reconhecimento. Esse algo é o objeto olhar. A anamorfose, assim, convoca, *supõe* o sujeito sempre alhures, e esse alhures é propriamente inapreensível, inalcançável, posto que, quando se pensa tê-lo alcançado..., ele já não está mais lá! (Vinot, 2025, p. 57)

A relação entre imagem e linguagem, longe de se organizar harmonicamente, é atravessada por um jogo inesperado: “Imagem e linguagem se enodam e contrapõem de maneira imprevisível” (Rivera, 2013, p. 67). Essa imprevisibilidade é central para a escuta psicanalítica, pois evidencia que o sujeito se constitui nesse entrelaçamento instável, onde o sentido sempre escapa, desliza ou se desfaz.

Essa dimensão da imagem retorna também quando pensamos a respeito dos primeiros encontros, marcados por falas sobre os cuidados com os filhos e as questões que envolviam os diagnósticos de autismo, aos quais elas se referiam como diagnóstico “aberto” ou “fechado”. Imagens fixas acerca do que é ser mãe de uma criança autista eram espelhadas nas falas delas, o que faz com que se criem interrogações sobre até que ponto um quadro dotado de classificações psicopatológicas pode lastrear as palavras dos pais e incidir tão radicalmente nas expectativas e na elaboração de modalidades de endereçamento aos filhos (Martins et al., 2017).

Além desses atravessamentos, uma questão que apareceu de maneira marcante foi a percepção de que o “modelo uterino de cuidado” essencializa a função materna, impondo às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado e proteção dos filhos (Iaconelli, 2023, p. 95). A busca por um “diagnóstico fechado” e a tentativa de corresponder a um modelo idealizado de maternidade apresentaram-se, para muitas das mães do grupo, como imagens rígidas e fechadas – formas de nomear e se posicionar diante da experiência da maternidade que, embora oferecessem alguma ancoragem nos inícios dos encontros e nas falas das mulheres, pareciam operar como figuras que cristalizavam os sentidos, dificultando seu deslocamento e transformação. Diante dessas observações, uma pergunta ressoou em nossa escuta desde os primeiros encontros: e se, em vez de fechar o diagnóstico, pudéssemos abri-lo?

Metaforicamente, interessava-nos cultivar tanto a ancoragem quanto a deriva – oferecer às palavras um ponto de apoio nas imagens escolhidas, que ao mesmo tempo favoreciam o surgimento de brechas, fendas sutis no que se apresentava como totalidade rígida nas percepções e formas de endereçamento. Abrir o diagnóstico, nesse sentido, não seria apenas uma operação clínica, mas um gesto poético: o de permitir que o sentido, como o afeto, escapasse às molduras fixas e encontrasse espaço de jogo.

Considerações finais: da imagem à palavra

Consideramos que o processo basilar do método analítico, a passagem da imagem à palavra (Freud, 1950[1895]/1996b, 1915/2011b, 1900/2019b), foi trazido nessa intervenção como inspiração, mas na forma mesma de uma recriação para o contexto de grupo e de favorecimento de efeitos analíticos.

Nas duas escolhas de fotografias, percebemos que nas falas houve a construção de bordas para o excessivo das violências narradas anteriormente. Trata-se, antes, de fazer com que a palavra ganhe um espaço. É a abertura de um caminho entre a pulsão e o significante – um entrelaçamento possível pela via de um objeto estético (a fotografia) e o vislumbre de efeitos psicanalíticos.

Ao construir uma intervenção baseada no uso das imagens como objeto estético, consideramos a dimensão da apropriação subjetiva, da sustentação de uma paisagem, para que a partir dela pudessem evocar algumas extensões. Essa espécie de reconhecimento da e na paisagem, que apontamos nas duas situações brevemente apresentadas, evoca um processo de infamiliaridade, espaço paradoxal, mas também de singularização e de autorização subjetiva. A aposta na mediação da imagem-paisagem pode constituir um dispositivo potente para o trabalho com indivíduos e grupos, em que se presentificam experiências subjetivas, introduzindo suturas, ambiguidades e nuances, mas também ancoragens e deslocamentos de sentidos.

Paisajes en extensión: una escucha psicoanalítica de madres en una unidad de atención primaria de salud a partir del fotolenguaje

Resumen: Las autoras presentan un dispositivo grupal desarrollado con mujeres, inspirado en el método del fotolenguaje y sostenido por una escucha clínica, anclada en el psicoanálisis, en sus extensiones y en su dimensión ético-política. La experiencia se llevó a cabo en una unidad de atención primaria de salud con madres de niños que atraviesan un sufrimiento psíquico grave. Las autoras analizan el dispositivo a partir de dos ejes que emergieron de la escucha: la mirada, entendida como un gesto de apropiación y desplazamiento simbólico; y las formas de habitar el paisaje, comprendidas como expresiones de procesos subjetivos que se ponen en escena en el grupo. Asimismo, presentan extractos de las intervenciones de dos participantes. En esta línea, la mediación de la imagen-paisaje se reveló un recurso clínico fecundo en el trabajo con mujeres atravesadas por violencias simbólicas y procesos de desautorización subjetiva. Las imágenes elegidas se convirtieron en un soporte para la construcción de un espacio extendido del yo, sostenido por la articulación entre la dimensión colectiva y la singularizante.

Palabras-clave: fotolenguaje, psicoanálisis, paisaje, grupo de mujeres, dispositivo clínico

Landscapes in extension: a psychoanalytic listening of mothers in a primary health care unit through photolanguage

Abstract: The authors present a group device developed with women, inspired by the photolanguage method and supported by clinical listening anchored in psychoanalysis, in its extensions and ethical-political dimension. The experience was carried out in a primary health care unit with mothers of children in severe psychological distress. The authors discuss the device based on two main axes that emerged from the listening process: the gaze, understood as a gesture of appropriation and symbolic displacement; and the ways of inhabiting the landscape, understood as expressions of subjective processes staged in the group. They also present excerpts from the speech of two participants. In this direction, the mediation of the image-landscape proved to be a powerful clinical tool in working with women marked by symbolic violence and processes of subjective disauthorization. The images chosen became a support for constructing an extended space of the self, sustained by the articulation between collective and singular dimensions.

Keywords: photolanguage, psychoanalysis, landscape, group of women, clinical device

Paysages en extension : une écoute psychanalytique de mères dans une unité de soins de santé primaire à partir de la photolangage

Résumé : Les autrices présentent un dispositif groupal développé avec des femmes, inspiré de la méthode photolangage et soutenu par l'écoute clinique, ancrée dans la psychanalyse, dans ses extensions et dans sa dimension éthico-politique. L'expérience a été réalisée dans une unité de soins de santé primaire auprès de mères d'enfants en grande souffrance psychique. Les autrices analysent le dispositif à partir de deux axes principaux issus de l'écoute : le regard, compris comme un geste d'appropriation et de déplacement symbolique ; et les façons d'habiter le paysage, comprises comme des expressions de processus subjectifs mis en scène dans le groupe. Elles présentent également des extraits des paroles de deux participantes. Dans cette perspective, la médiation de l'image-paysage s'est révélée être une ressource clinique féconde dans le travail avec des femmes traversées par des violences symboliques et des processus de désautorisation subjective. Les images choisies sont devenues un support pour la construction d'un espace étendu du moi, soutenu par l'articulation entre la dimension collective et la dimension singularisante.

Mots-clés : photolangage, psychanalyse, paysage, groupe de femmes, dispositif clinique

Referências

- Anzieu, D. (1990). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal* (A. Fucks, Trad.). Casa do Psicólogo.
- Baptiste, A. & Bélisle, C. (1991). *Dossier photolangage*. Les Éditions d'Organisation.
- Baptiste, A., Bélisle, C., Péchenart, J.-M. & Vacheret, C. (1991). *Photolangage: une méthode pour communiquer en groupe par la photo*. Les Éditions d'Organisation.
- Berque, A. (1998). Paisagem-marca, paisagem matriz: elementos de uma problemática para uma geografia cultural. In R. Lobato Corrêa & Z. Rosendahl (Orgs.), *Paisagem, tempo e cultura*. Eduerj.
- Bidaud, E. (2019). Vers une psychanalyse du paysage. *Psychologie Clinique*, 23(1), 116-128.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social* (M. Goldszajn, Trad.). Perspectiva.
- De Luccia, D. (2018). *Atuação do psicanalista com grupo em instituições: teoria e relatos de intervenção a partir de Freud e Lacan* [Tese de doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Didi-Huberman, G. (2010). *O que vemos, o que nos olha* (P. Neves, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1992)
- Didi-Huberman, G. (2013). *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte* (F. B. Diniz, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1990)
- Farias, P. M., Barreto, N. F., Brito, K. N. & Viana, B. A. (2023). A escuta em grupo de cuidadores como estratégia de cuidado a crianças na atenção primária à saúde. In K. P. H. Martins, V. J. S. Jucá, B. A. Viana, C. R. B. Souza & R. P. Maia Júnior (Orgs.), *Saúde mental da criança e do adolescente em contextos institucionais públicos* (pp. 103-116). Expressão Gráfica.
- Freud, S. (1996a). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 173-181). Imago. (Trabalho original publicado em 1919[1918])
- Freud, S. (1996b). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 212-305). Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 195-236). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2011c). Nota sobre o “bloco mágico”. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 267-274). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2019a). *O infamiliar* (E. Chaves, P. H. Tavares & R. Freitas, Trans.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2019b). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 4). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210.
- Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 248-264). Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)

- Martins, K. P. H. (2014). *Sertão e melancolia: espaços e fronteiras*. Appris.
- Martins, K. P. H., Lima, M. C. P. & Pinheiro, T. (2022). Le sertão comme paysage miroir de la mélancolie. *Psychologie Clinique*, 54(número especial), 107-115.
- Martins, K. P. H., Rabelo, F. C. Teixeira, I. F. & Sousa, A. P. (2020). Ferenczi e o estudo das vulnerabilidades: clínica e política. In J. P. P. Barros, D. C. Antunes & R. P. Mello (Orgs.), *Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos* (pp. 93-110). Imprensa Universitária.
- Martins, K. P. H., Rolim, R. A. B., Simão, G. M. & Parente Júnior, P. A. (2017). Um golpe de mestre: crianças e pais frente ao diagnóstico psiquiátrico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(2), 278-293. <https://doi.org/p4dg>
- Oury, J. (2009). *O coletivo*. Hucitec.
- Prado, A. (1976). Com licença poética. In A. Prado, *Bagagem* (p. 11). Imago.
- Quadros, R. B. S., Martins, K. P. H. & Soares, A. K. S. (2018). Psicanálise e saúde mental: um estudo sobre o estado da arte. *Revista Subjetividades*, 18(1), 119-131. <https://doi.org/p4bb>
- Rivera, T. (2013). *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. Cosac Naify.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta.
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In L. C. Figueiredo, B. B. Savietto & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 107-122). Escuta.
- Santos, M. (2012). *Espaço e método*. Edusp.
- Sato, F. G., Martins, R. C. R., Guedes, C. F. & Rosa, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. *Revista Psicologia Política*, 17(40), 484-499. <https://tinyurl.com/4h329x7r>
- Thibierge, S. (2022). Le paysage et les questions qu'il pose à la représentation. *Psychologie Clinique*, 54(número especial), 47-56.
- Vacheret, C. (2008). A fotolinguagem: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 180-191.
- Vinot, F. (2025). *O que é habitar? Clínica psicanalítica e criação artística*. Contracapa; Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro.

Recebido em 23/6/2025, aceito em 18/8/2025

Samanta Basso
samanta.basso@gmail.com

Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos
angelanogueiravasconcelos@gmail.com

Karla Patricia Holanda Martins
kphm@uol.com.br

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n3.11